

O segredo olímpico da Alemanha Oriental

Um cientista obstinado e sua mulher tiveram de esperar duas décadas pelas provas de fraude no esporte patrocinada pelo Estado

Por RUDOLPH CHELMINSKI
E OLIVIA MOUSSOURIS

NUMA CINZENTA MANHÃ de dezembro de 1990, Werner e Brigitte Franke pousaram no Aeroporto de Tegel, em Berlim, e se dirigiram ao coração da região que, havia apenas alguns meses, era ainda a Alemanha Oriental. Cerca de 70 quilômetros depois, chegaram a um balneário chamado Bad Saarow. Por trás de cercas altas estava seu destino: a antiga Academia Médica do Exército Nacional do

Cientista-Detetive- Werner Franke expôs os experimentos antiéticos realizados com atletas.

Povo. Finalmente se encontravam perto de alcançar o objetivo que perseguiram: o Plano de Estado – Tema 14.25, o vergonhoso segredo da Alemanha Oriental.

APÓS A QUEDA do Muro de Berlim, em 1989, a Alemanha Ocidental enviou peritos à antiga Alemanha Oriental (RDA) para investigar indústrias, órgãos administrativos e instituições, a fim de planejar sua integração à nova e unificada Alemanha. Werner Franke, biólogo molecular de renome internacional, foi encarregado de preparar relatórios sobre os centros de pesquisa da Academia de Ciências da RDA.

Em meados de dezembro de 1990, Franke ficou intrigado ao saber que diversas teses de doutorado sobre esportes e questões médicas tinham sido apresentadas no pequeno balneário de Bad Saarow. Estranhamente, a cidade não possuía universidade, mas abrigava a Academia Médica do Exército Nacional do Povo.

Werner sentiu que havia algo errado. Por mais de duas décadas vinham correndo rumores sobre a base científica do impressionante sucesso esportivo da RDA. O pequeno país de ape-

nas 17 milhões de pessoas tinha construído um histórico esportivo que igualava, e por vezes até ultrapassava, o dos gigantes do esporte mundial: Estados Unidos e União Soviética.

Como tinham conseguido? Franke e outros especialistas acreditavam que havia uma só resposta: um amplo programa de *doping* patrocinado pelo Estado, que tinha transformado os atletas da Alemanha Oriental em campeões.

Franke tinha bons motivos para suspeitas. Quando jovem, em Heidelberg, treinara uma talentosa lançadora de disco chamada Brigitte Berendonk, que tinha sido criada na Alemanha Oriental mas fugira para a Ocidental. Brigitte foi tão bem sob sua tutela que conseguiu uma vaga na equipe de atletismo da Alemanha Ocidental para as Olimpíadas do México, em 1968. Lá encontrou Margitta Gummel, atleta da RDA que havia conhecido dez anos antes. Essa Margitta, entretanto, pouco lembrava a adolescente que Brigitte conhecera: ela agora era um colosso de músculos, que lançava o disco a quase 20 metros.

O assunto na Vila Olímpica girava em torno do uso das pílulas chamadas de esteróides anabolizantes, que aumentavam a massa corporal e a força. Era um segredo de polichinelo que alguns atletas do sexo masculino – e talvez até do feminino – as estavam utilizando para melhorar o desempenho.

Ao retornar, Brigitte escreveu um artigo para um jornal, expondo suas

preocupações. Mas nada aconteceu. Mais tarde, Werner e Brigitte deixaram o atletismo. Ele mergulhou na pesquisa que o tornaria um dos principais cientistas médicos da Alemanha e ela se formou professora. Casaram-se em 1975, tiveram dois filhos – e torceram para que a verdade sobre as drogas para melhora do desempenho algum dia viesse à tona. Não imaginavam que esse dia demoraria tanto a chegar.

WERNER FRANKE foi muito bem tratado em Bad Saarow, pois de sua avaliação poderiam resultar perda ou manutenção de empregos, promoções, rebaixamentos ou aumentos. Por várias horas, ele inspecionou as instalações e entrevistou o pessoal. Em seguida, pediu para ver as teses de doutorado apresentadas ali.

A lista das teses, contudo, não tinha nenhuma relação com o esporte. Essas, murmurou o bibliotecário, estavam numa “sala do tesouro”, no prédio principal. Franke foi escoltado até lá, onde o alto escalão da academia rapidamente se reuniu.

– O senhor pode ver os títulos das teses – disse o oficial responsável. – E mais nada.

O arquivo mostrava cerca de 30 dissertações rotuladas como “informação confidencial”. Oito delas tratavam de esportes. A primeira era intitulada “Da influência dos esteróides anabolizantes no aumento do



Brigitte começou a guardar as teses na bolsa. Em segundos, **o chefe da segurança irrompeu pela porta.**

desempenho esportivo nas provas de atletismo”. O autor era Hartmut Riedel, médico-chefe da equipe de atletismo da RDA.

Werner ficou exultante com a descoberta, mas sabia que se demonstrasse seu entusiasmo as teses poderiam desaparecer para sempre.

– Muito obrigado, senhores – disse Franke aos oficiais. – Isso é tudo por enquanto.

De volta a Heidelberg, no dia seguinte, ele telefonou a um dos ofi-

ciais-médicos do mais alto escalão do Exército.

– Preciso de uma autorização especial – explicou Werner. – Tenho bons motivos para suspeitar da realização de experiências humanas antiéticas.

Logo o fax de Werner recebia um documento de Bonn, autorizando-o a “examinar todas as dissertações A e B, inclusive aquelas classificadas como confidenciais, e se necessário retirá-las sob empréstimo para maiores verificações”. Na manhã seguinte, ele e Brigitte estavam no avião para Berlim.

Na academia de Bad Saarow, foram recebidos por um suboficial de ligação da Alemanha Ocidental.

– O senhor está com o carimbo “liberado”, não está? – perguntou-lhe Werner.

– Sim, senhor.

– Ótimo. Tenha-o à mão quando eu mandar chamá-lo.

O chefe de segurança da acade-

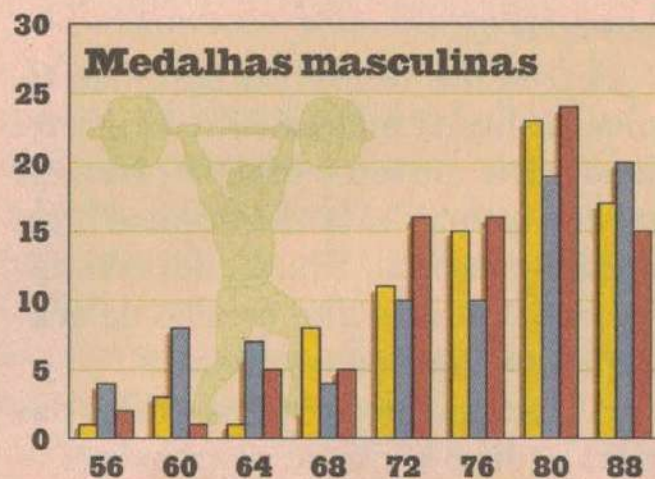
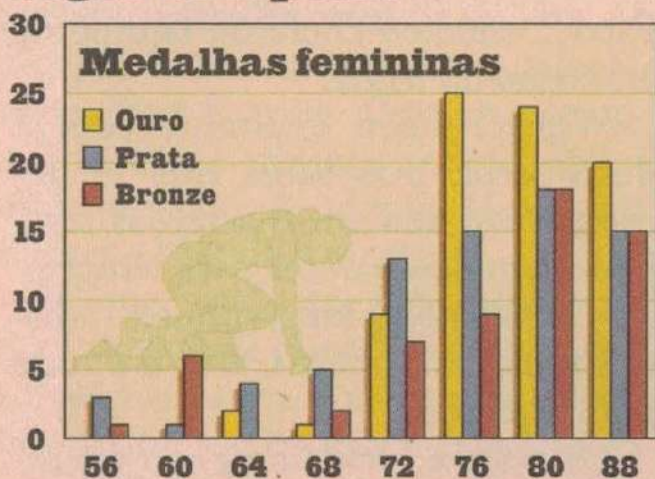
mia e dois médicos militares os aguardavam.

– Decidiu-se – disse um dos médicos, com um sorriso forçado – retirar o caráter secreto de algumas dissertações e transferi-las para a seção pública da biblioteca. No entanto, isso não se aplica às dissertações sobre esportes. Além disso – acrescentou ele, puxando um telegrama do bolso –, tenho aqui uma recusa formal do antigo médico da equipe de atletismo da RDA. Ele faz absoluta questão de que sua tese permaneça secreta.

Werner olhou o telegrama. Estava assinado pelo Dr. Hartmut Riedel. Então Werner exibiu o *seu* documento: a autorização enviada por fax de Bonn. Relutante, o chefe de segurança aceitou fazer um acordo: os Frankes poderiam examinar as teses, mas somente sob a vigilância de funcionários da segurança. Oito grandes pastas foram colocadas sobre a mesa de leitura. Cada página levava um carimbo na margem su-

Como os atletas da RDA conquistaram o ouro

Jogos Olímpicos



perior: *Vertrauliche Verschlusssache* – informação confidencial.

Por mais de uma hora Werner e Brigitte fizeram anotações, mas as informações estavam parcialmente codificadas e eram muito vastas.

– Creio que há muito material para ser avaliado aqui – disse Werner aos funcionários. – Estamos autorizados a levá-lo conosco e, portanto, vamos sair agora.

Assim que começaram a guardar as teses na bolsa de Brigitte, um dos funcionários saiu apressadamente da sala. Em segundos, o chefe de segurança irrompeu pela porta.

– Esses documentos só sairão daqui sobre o meu cadáver! – rugiu ele.

– Tenho uma autorização do seu superior que me dá o direito de retirá-los! – replicou Franke.

Um novo acordo foi feito. O chefe de segurança aceitaria a decisão de um oficial-médico ocidental mais graduado da região, um major do *Bundeswehr* (Forças Armadas). Mas

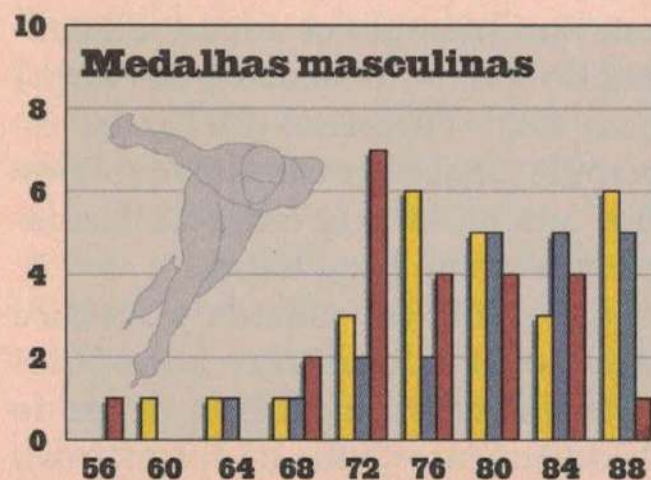
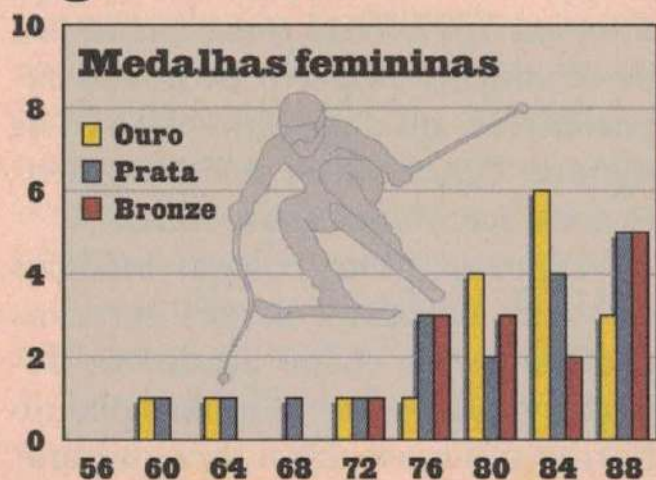
Werner sabia que estava pisando em ovos. Ele tinha vindo para a academia por iniciativa própria, arcado com as despesas de passagens e aluguel de carro, e não possuía garantias do Conselho de Ciências para aquela busca por provas.

Quando o major chegou, Franke empilhou as dissertações na mesa e fez um gesto para que o suboficial se juntasse a eles. Desviando a atenção para alguns dos problemas médicos discutidos nas teses, Franke folheava rapidamente as páginas e conversava, empregando terminologia científica e enfatizando apenas ética médica e experiências com menores.

Agindo com rapidez, enquanto o major assentia com a cabeça, Werner empurrava cada volume para o suboficial, que prontamente carimbava LIBERADO na capa. Aquele simples carimbo tornava a saída oficial – Franke vencera.

Werner e Brigitte voltaram imediatamente a Berlim, viajando em

Jogos de Inverno



© JARED SCHNEIDMAN DESIGN

estradas secundárias por precaução. A bordo do avião para Heidelberg, abriram a bolsa, entreolharam-se e riram, agora descontraídos. O Natal chegara mais cedo naquele ano.

WERNER PASSOU longas horas decodificando os documentos, enquanto Brigitte revisava o manuscrito do livro que estavam preparando sobre *doping*, incluindo as novas e sensacionais informações obtidas. O livro, com as primeiras conclusões, saiu em setembro de 1991.

Entretanto, somente em 1997 o mundo tomou conhecimento da história de terror completa. Divulgado através da publicação científica *Clinical Chemistry*, o sumário de seis anos de investigações e análises dos Frankes levantou o véu que cobria um vasto programa de experiências antiéticas em seres humanos.

Werner rastreou o *doping* até meados dos anos 60, quando técnicos e médicos da RDA fizeram experimentos com esteróides e estimulantes como as anfetaminas. Em 1966, estavam tratando os atletas masculinos de certas modalidades de "força" com Oral-Turinabol (O-T), um esteróide anabolizante desenvolvido um ano antes pela empresa farmacêutica estatal Jenapharm.

Em 1968, foi tomada a fatídica decisão de administrar hormônios masculinos em mulheres. Segundo os documentos, uma das primeiras a receber os hormônios foi a lançado-

ra de pesos Margitta Gummel. Após 11 semanas tomando duas pílulas de O-T por dia, os documentos mostravam, Margitta aumentou seus arremessos em espantosos dois metros ou mais. As suspeitas de Brigitte tinham fundamento.

Os resultados das Olimpíadas de 1968 foram tão animadores que os médicos da RDA decidiram aplicar O-T em praticamente todas as suas equipes. Em 1974, um grupo de trabalho ultra-secreto foi criado sob o Serviço Médico Esportivo para centralizar a distribuição da droga. A Stasi, a polícia secreta, monitorizava o programa.

No jargão burocrático da época, *Unterstützende Mittel* (recursos de apoio) tornou-se o eufemismo aceito para *doping*. Mas, quando os médicos e treinadores perceberam que suas comunicações eram secretas, deixaram de lado todo o fingimento. "No momento, aplicam-se esteróides anabolizantes em todos os eventos esportivos olímpicos, com exceção do iatismo e da ginástica feminina", escreveu à Stasi o Dr. Manfred Höppner, do Serviço Médico Esportivo, em 1977. "Até o momento pode-se concluir, a partir de nossas experiências, que as mulheres são as maiores beneficiadas pelo tratamento com hormônios anabolizantes."

Höppner e seus colegas médicos estavam bastante cientes do caos produzido no corpo ainda em desenvolvimento das meninas, quando hormônios masculinos desequilibravam profundamente o sistema en-

dócrino. Em dois anos, mesmo as pequenas ginastas estavam recebendo grandes doses desses hormônios.

Uma vez que as mulheres naturalmente produzem menos hormônios masculinos, elas se beneficiariam até mesmo com doses relativamente baixas de O-T. No entanto, em diversas modalidades esportivas, as ginastas receberam doses mais altas do que os homens – doses perigosamente maciças. Aos 13 ou 14 anos, milhares de atletas femininas da RDA estavam recebendo o dobro da quantidade de hormônios masculinos que seus colegas do sexo masculino recebiam. “Vitaminas”, diziam-lhes alguns técnicos.

Muitas também receberam testosterona pura, o hormônio natural responsável em parte pelo impulso sexual, pela agressividade e por características masculinas como musculatura pesada, pêlos no corpo e voz grave. Obviamente, as meninas não podiam deixar de notar o que estava acontecendo com elas. Comentavam entre si sobre as pernas peludas, as vozes grossas e a acne, mas aquelas que objetavam ou mostravam sinais de querer abandonar o esporte podiam esperar um bombardeio de ameaças e acusações de comportamento antipatriótico.

Dos milhares de atletas da RDA tratados conforme o Plano de Estado – Tema 14.25, apenas dois foram apanhados por uso de esteróides. Essa habilidosa cobertura devia-se

principalmente ao ZDKL, um laboratório da cidade de Kreischa, na Alemanha Oriental, credenciado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Em outros lugares, o propósito dos laboratórios do COI era o de detectar o uso de drogas, mas o laboratório da RDA servia exatamente ao objetivo contrário: assegurar, por meio de controles de última hora, que atletas dopados a caminho das competições estivessem “limpos”.

Os levantadores de peso receberam as doses mais altas de esterói-

Mais de uma dúzia de atletas homens teve **os indesejáveis seios removidos cirurgicamente.**

des, e foi nesse esporte hipermasculino que ocorreu o efeito mais extraordinário do Oral-Turinabol: seios femininos crescendo no tórax dos homens. A presença maciça de hormônios masculinos sintéticos fez com que o organismo dos atletas interrompesse a própria produção natural. Em consequência, houve um desequilíbrio nos hormônios, com a preponderância dos femininos sobre os masculinos, um efeito especialmente notado ao se interromper a administração dos esteróides. Pelo menos uma dúzia de levantadores de peso teve os indesejáveis seios removidos cirurgicamente.

Mas as garotas sofreram os efeitos colaterais mais óbvios, tais como o intenso crescimento de pêlos faciais



© ALLSPORT

Mudança de Sexo— A campeã europeia de lançamento de peso Heidi Krieger transformou-se num jovem chamado Andreas.

e corporais. Havia ainda outros sintomas preocupantes: interrupção do crescimento, cistos ovarianos, infertilidade, tumores no fígado, amenorréia (suspensão prematura da menstruação) e sérios problemas ginecológicos.

O próprio Höppner sugeriu à Stasi que alguns técnicos estavam injetando testosterona em quantidades irresponsáveis. A lançadora de peso Heidi Krieger descobriu isso. Campeã europeia em 1986, Heidi começou a se sentir cada vez menos à vontade em seu corpo de mulher. Há alguns anos, submeteu-se a uma operação de mudança de sexo e hoje é Andreas Krieger, um jovem tímido que trabalha numa loja de animais em Berlim.

A conclusão consternadora de

Werner e Brigitte Franke foi a de que praticamente todas as medalhas de ouro olímpicas da RDA, desde 1968, foram conquistadas por meio de trapaça.

Irritados e confusos, a maioria dos atletas da ex-RDA preferiu o silêncio diante das revelações dos Frankes. Mas uns poucos corajosos vieram a público relatar suas experiências. “Eu recebia injeções e ficava agressiva comigo e com os outros”, contou a nadadora Karen König à revista Reader’s Digest. Duas vezes campeã europeia de nado livre, ela era membro da equipe de revezamento 4 x 100 metros que estabeleceu um novo recorde mundial nas Olimpíadas de 1980. “Ganhei dois segundos por 100 metros”, afirmou ela.

AINDA MAIS impressionante foi a transformação de Christiane Knacke, que estabeleceu novo recorde mundial nos 100 metros borboleta em 1977. Depois de receber hormônios masculinos, ganhou 10 quilos em apenas oito semanas, e nadava com facilidade 20 quilômetros por dia no treinamento pelo clube esportivo Dynamo Berlin.

Karen e Christiane sobreviveram. Detlef Gerstenberg não teve a mesma sorte. Sua morte aos 35 anos aparentemente se deveu em parte ao uso de esteróides. Estrela do lançamento de martelo do Dynamo Berlin, Gerstenberg chegou às finais das Olimpíadas de 1980 e se preparou para o evento de 1984, em Los Angeles, tomando enormes doses diárias de Oral-Turinabol durante 34 semanas. Mas a RDA participou do boicote soviético de 1984, e ele não conquistou sua medalha. Morreu de complicações pós-operatórias em 1993, depois de uma cirurgia para reparar danos causados ao fígado e aos ductos biliares.

Ninguém sabe quantos outros pagaram o preço mais alto. A Stasi destruiu registros médicos dos atletas nos dias finais do comunismo.

Em 1991, os Frankes apresentaram queixa formal contra a antiga hierarquia esportiva da RDA, acu-

sando-a de danos físicos intencionais aos atletas. Diversos treinadores e médicos de escalões mais baixos foram considerados culpados, mas os verdadeiros alvos dos Frankes são aqueles que conceberam e dirigiram o Plano de Estado – Tema 14.25.

“É impossível”, explicou o advogado Michael Lehner, “que um sistema tão grande e complexo tenha sido organizado sem decisões do governo.” Em abril de 1999, o antigo diretor do Serviço Médico Esportivo recebeu a multa mais pesada aplicada até hoje por cumplicidade nos danos corporais causados a 109 atletas, que receberam drogas para melhora do desempenho.

Mas a única solução está na consciência dos próprios atletas. Em junho de 1998, três dos mais corajosos – Christiane Sommer (antes, Knacke), Carola Beraktschjan (ex-Nitschke, que estabeleceu um recorde nos 100 metros peito em 1976) e Andreas Krieger – anunciaram que queriam devolver suas medalhas, com base no fato de que elas haviam sido conquistadas injustamente.

Para os três, esse gesto simbólico foi, em paradoxo, sua maior vitória. Na verdade, foi uma dupla vitória: da honestidade sobre a fraude e, mais importante do que isso, da vontade e da consciência individual sobre um sistema totalitário que os tratava como peões acéfalos.

Vamos sacrificar hoje por amanhã, ou amanhã por hoje?

—SUPASRA MAIPIYA, *Tailândia*